
O instante decisivo na série ‘Periscópio urbano’, de Daniel Castellano¹

Monize de Oliveira RAMOS²

Marcia BOROSKI³

Centro Universitário Internacional UNINTER, Curitiba, PR

RESUMO

Este artigo tem objetivo de discutir o instante decisivo do francês Henry Cartier-Bresson, conceito amplamente conhecido no campo da fotografia, nas fotografias de rua do fotógrafo curitibano Daniel Castellano. Realizamos pesquisa bibliográfica, acerca de fotografia de rua e o instante decisivo, seguida de análise de conteúdo, na qual os elementos da linguagem fotográfica foram fundamentais para construção das categorias de análise do corpus; e, por fim, uma pesquisa de campo com o autor das fotografias. Foi possível perceber que o instante decisivo pode ser empregado tanto no momento de tomada da foto (sendo ele buscado e construído pelo fotógrafo ou um acaso que só olhares treinados conseguem antecipar), quanto como chave de leitura posterior na busca dos possíveis sentidos pretendidos pelo fotógrafo.

PALAVRAS-CHAVE: Análise fotográfica; Série fotográfica; Fotografia urbana; Instante decisivo; Periscópio urbano.

INTRODUÇÃO

O retrato foi o gênero fotográfico que primeiramente se constituiu como uma categoria e esteve presente desde o início das experimentações fotográficas (BENJAMIN, 1994). Inicialmente, em decorrência da tentativa de imitar a pintura e, também, pelas restrições técnicas dos primeiros daguerreótipos - que eram grandes, pesados e necessitavam de muito tempo de exposição a luz para registrar as imagens em placas de vidros fotossensíveis (ANG, 2015) -, os retratos tinham poses estáticas e muito bem definidas.

Com os avanços tecnológicos e consequente aperfeiçoamento dos aparelhos fotográficos, os entusiastas da fotografia passaram a levar suas câmeras - cada vez mais portáteis (SMITH, 2018) - para os mais diversos lugares, como florestas, fazendas, praças e eventos cívicos, o que possibilitou o surgimento (e posterior consolidação) de diversos novos gêneros fotográficos - que ainda não eram intitulados dessa forma (ANG, 2015).

¹ Trabalho apresentado na GP Fotografia, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante e bolsista no projeto de pesquisa Tecnologias da Imagem, e-mail: monizeramos1@gmail.com.

³ Professora e coordenadora do projeto de pesquisa Tecnologias da Imagem no Centro Universitário Internacional UNINTER. Doutoranda em Comunicação e Linguagens e pesquisadora no grupo Incom/CNPQ na Universidade Tuiuti do Paraná (Bolsa Taxas Capes), e-mail: boroskimarcia@gmail.com.

Entre essas novas possibilidades fotográficas, surge a fotografia de rua, na qual os objetos fotográficos são os pedestres, os automóveis, as praças e afins, todos inseridos num ambiente notoriamente urbano e tendo como característica essencial capturar o cotidiano das cidades (ANG, 2015).

Foi nesse contexto de experiências e descobertas dos novos empregos da fotografia oriundos das possibilidades tecnológicas, que o olhar do fotógrafo se tornou ainda mais fundamental. Afinal, para se conseguir capturar um instante, muitas vezes banal aos olhos da maioria, e transformá-lo numa fotografia memorável, não basta apenas apertar um botão. Muito pelo contrário, é necessário que se tenha muita sensibilidade, um olhar aguçado e um *timing* perfeito, de forma a garantir que aquele simples momento do cotidiano, dentre tantos outros, torne-se inesquecível.

Tendo isso em vista, esse artigo tem como objetivo analisar as fotos que possuem como categoria fundamental de análise o instante decisivo (CARTIER-BRESSON, 1952), tanto em seus modos de produção como quanto chave de leitura das imagens. O conjunto selecionado foi a série “Periscópio Urbano”, feita pelo fotógrafo Daniel Castellano, que mostra algumas partes da cidade de Curitiba por um ângulo que os cidadãos não estão acostumados a observar; todas as fotografias deste projeto foram feitas do alto de prédios da capital paranaense e mostram enquadramentos inesperados de cenas banais, que foram transformadas em algo inédito e cheia de novas possibilidades de sentido.

Buscou-se ainda compreender, por meio de entrevista, as implicações do instante decisivo na obra do fotógrafo. Para esta pesquisa, selecionamos três fotografias, as quais foram nomeadas, para melhor identificá-las, como Sombrinha Amarela, Tempestade de Raios e O Circo e a Praça.

FOTOGRAFIA DE RUA E INSTANTE DECISIVO

Dentre os fotógrafos que tiveram um grande êxito no campo de congelar instantes da vida urbana está o francês Henri Cartier-Bresson (1908 - 2004), que durante quase todo o século XX eternizou diversos momentos do cotidiano em suas fotografias (ANG, 2015). Mas Bresson fez mais que apenas immortalizar momentos, ele desenvolveu o conceito do instante decisivo que foi utilizado por outros tantos fotógrafos ao redor do mundo. Esse conceito se refere a “um instante no qual todos os elementos que se movem

ficam em equilíbrio. A fotografia deve intervir neste instante, tornando o equilíbrio imóvel” (CARTIER-BRESSON, 1952, p.1). Registrar um instante decisivo é capturar “aquele instante no qual todos os elementos que se movem ficam em equilíbrio” (CARTIER-BRESSON, 1952, p.1), ou seja, é conseguir registrar fotograficamente um momento único no tempo-espaço, no qual há um perfeito equilíbrio na composição dos elementos em quadro, tornando esse registro mágico. E essa busca por capturar um instante no qual os objetos fotográficos estão em perfeita sintonia se tornou uma grande característica do trabalho de Bresson (ZANON; SABBAG, 2017).

Dessa forma, registrar um instante decisivo é compor os elementos da cena de tal forma a criar um novo cenário que só existiu e ficou em perfeito equilíbrio naquele milésimo de segundo. Contudo, deve-se perceber que, quando um fotógrafo consegue registrar um instante único, não significa que este interferiu na cena de forma a criar artificialmente o tal contexto, pelo contrário, muitas vezes se faz necessário aguardar horas com a câmera em prontidão a fim de se registrar um instante decisivo genuíno.

Jacob Riis, Eugène Atget, Brassai, Henri Catier-Bresson, Vivian Maier, Saul Leiter, Robert Frank, Diane Arbus, Martin Parr e Robert Doisneau são citados por Ian Haydn Smith (2018) como os principais fotógrafos no gênero Fotografia de rua. “O fluxo de pessoas para áreas metropolitanas no final do século XIX e início do século XX deu aos fotógrafos oportunidades ricas de registrar a ebulição da atividade humana” (SMITH, 2018, p. 17). A relevância de tais produções atingiu diversas gerações e localidades.

Daniel Castellano, foi ganhador do concurso fotográfico intitulado Engenharia no Brasil nos anos de 2011 e 2013, e atuou no jornal Gazeta do Povo (no Paraná) como fotojornalista entre os anos de 2006 até 2017, sempre cobrindo matérias de cunho regional e alguns nacionais. Além dessa atuação, o fotógrafo desenvolve trabalhos autorais, em sua maioria, voltados para o documental e a fotografia de rua.

As fotografias feitas por Castellano, que pertencem à categoria de fotojornalismo, acabam sendo fruto de um momento em que o fotógrafo não sabe de antemão o que exatamente irá fotografar, apenas qual evento da atualidade deve cobrir (SOUSA, 2000). Já as fotografias de rua são registros espontâneos de fatos da realidade, onde o fotógrafo não tem controle daquilo que passa em frente as suas lentes, mas pode optar por registrar aquilo que mais representa aquele evento, de acordo com a sua própria visão de mundo. Tanto teoricamente quanto na prática, o campo da fotojornalismo tem uma série de imbricações (BIONDI, 2014) e, podemos dizer também, extensões; verificamos a prática

do fotojornalismo como parte da vivência fotográfica, num movimento dinâmico e ampliado para além da pauta.

De acordo com o fotógrafo (CASTELLANO, 2019) durante uma pauta e outra ele tinha sempre a mão sua câmera e subia na cobertura de prédios da região central de Curitiba para fotografar a cidade de um outro ângulo. Foi assim que surgiu o projeto intitulado “Periscópio Urbano”⁴ que contou com a curadoria da fotógrafa Tania Buchmann e ficou em exposição na Biblioteca Pública do Paraná de 20 de junho de 2015 até 20 de agosto de 2015. Para o projeto foram selecionadas 20 fotografias, produzidas entre os anos de 2008 e 2015; todas elas possuem em comum a característica de proporcionar ao espectador uma visão diferente da cidade, um novo ângulo de vista, que muitas vezes acaba passando despercebido no meio da correria do dia a dia.

Grande parte das fotografias da série Periscópio Urbano possui ao menos um elemento humano em sua composição, esse fato pode ter sido fruto do acaso, ou algo proposital, uma vez que a presença de um componente aumenta a noticiabilidade da foto (SILVA, 2005).

PERCURSO METODOLÓGICO

Como o objetivo principal deste trabalho era averiguar como o conceito do instante decisivo poderia ser aplicado no trabalho do fotógrafo Daniel Castellano, de forma a melhor compreender sua linguagem fotográfica e consequentes construções de sentidos, buscou-se primeiramente por referências que pudessem ajudar a fundamentar o instante decisivo. Nessa pesquisa bibliográfica percebeu-se que a teoria do instante decisivo pode ser empregada tanto na produção, como já é sabido, quanto como uma ferramenta de documentação de fotografias (ZANON e SABBAG, 2017) e para auxiliar na interpretação de fotos (OLIVEIRA, 2012). Dessa forma ficou evidente a vasta multiplicidade de sentidos e aplicações que o conceito de Cartier-Bresson apresenta, configurando-se como instrumento válido para se compreender a linguagem fotográfica de Daniel Castellano.

A segunda etapa desse projeto consistiu numa análise de conteúdo das fotografias do projeto fotográfico intitulado “Periscópio Urbano” do fotógrafo curitibano Daniel Castellano, a fim de averiguar quais os possíveis sentidos de leitura.

⁴ Exposição da série “Periscópio Urbano” disponível em: <https://www.bpp.pr.gov.br/Noticia/Daniel-Castellano-expoe-fotos-na-Biblioteca-Publica#>. Acesso em 02/10/2020.

A análise de conteúdo constitui uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos. Essa análise, conduzindo a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajuda a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados num nível que vai além de uma leitura comum (MORAES, 1999, p. 2).

Como os objetos de estudos deste trabalho são fotografias, a análise de conteúdo (MORAES, 1999) se mostrou uma metodologia eficaz e fundamental, a fim de se desprender os possíveis sentidos de leitura. Levou-se em conta ainda a polissemia da imagem fotográfica.

Lançamos como categorias de análise os próprios elementos da linguagem fotográfica, uma vez que, para se analisar a linguagem fotográfica de algum fotógrafo ou fotógrafa é necessário saber quais são os elementos que compõem esse “idioma”, pois da mesma forma que a língua portuguesa possui suas estruturas características (verbos, substantivos, adjetivos, etc) que nos ajudam a compreender um texto, a linguagem fotográfica possui seus elementos próprios que nos auxiliam no momento de explorar os possíveis sentidos de leitura e, quiçá, tangenciar os sentimentos que o fotógrafo quis passar com determinada fotografia.

Assim, foram utilizados dois autores que discorrem sobre os elementos da linguagem fotográfica: Cláudio Feijó (2009) e André Scoville (2018). Ambos os autores concordam que os principais componentes da linguagem fotográfica são: planos (corte, enquadramento), foco (desfoque, profundidade de campo), movimento (maior ou menor grau), forma (contorno, espaço), ângulo (posição da câmera), cor (gradação de cinza, cores), textura (impressão visual de tato), perspectiva (linhas) e composição (arranjo visual dos elementos). Todos esses elementos podem ser empregados juntos e/ou de forma acentuada com o intuito de realçar especificamente determinado elemento sob o pretexto de causar algum efeito no espectador da fotografia. Conhecer esses aspectos nos ajuda a compreender também a visão de mundo de quem tirou a fotografia, pois diferentes repertórios produzem diferentes resultados, mesmo quando se fotografa o mesmo cenário.

Para a composição do corpus, selecionamos fotografias que fossem representativas sobre a expressão do instante decisivo e que tivessem em sua composição pelo menos um elemento humano; para melhor identifica-las, foram nomeadas como Sombrinha Amarela, Tempestade de Raios e O Circo e a Praça. As fotos selecionadas foram

analisadas seguindo as categorias plano, foco, movimento, forma, ângulo, cor, textura, perspectiva e composição.

A terceira etapa da pesquisa consistiu em realizar uma pesquisa de campo que “caracteriza as investigações em que para além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se coletam dados junto de pessoas, utilizando diversos tipos de pesquisa (pesquisa ex-post-facto, pesquisa-ação, pesquisa participante, etc.)” (FONSECA, 2002, p. 32). Desse modo, utilizamos a estratégia da entrevista semi-estruturada com o autor das fotos, o fotógrafo Daniel Castellano.

A entrevista (gravada em vídeo e em áudio) ⁵ levantou temas como a origem do interesse do fotógrafo pelas fotografias, o possível conhecimento por parte do fotógrafo da teoria de Cartier-Bresson, questionamentos acerca das motivações por trás do projeto Periscópio Urbano, entre outros fatores. Segundo Castellano (2019), ele sempre busca ver algo diferente em cenas comuns, e no início de sua carreira, desenvolveu um certo interesse, ou mesmo curiosidade, em capturar fotograficamente a cidade de Curitiba do alto; suas praças, ruas e igrejas, que muitas vezes são encobertas por árvores ou prédios. Um dos pontos indicados pelo entrevistado como um dos principais desafios em realizar o projeto, foi ter acesso às coberturas dos prédios. Muitas vezes ele precisou pedir várias autorizações para porteiros, funcionários ou até síndicos, para conseguir subir no telhado dos edifícios e finalmente conseguir fazer as fotografias que pretendia.

INSTANTE DECISIVO NA LEITURA E NA PRODUÇÃO FOTOGRÁFICA

Do universo da série “Periscópio Urbano”, que contava com 20 fotos, foram selecionadas três mais representativas do conjunto, conforme explicado no item anterior, as quais também foram apontadas pelo fotógrafo durante a entrevista. A primeira que trazemos aqui é a Sombrinha Amarela (Figura 1). Na imagem, há uma pessoa atravessando um cruzamento de vias pavimentadas carregando um guarda-chuva amarelo. Nota-se que o pedestre com a sombrinha está com seu movimento congelado, e justamente pela fotografia possuir grande nitidez e razoável profundidade de campo, é possível perceber que o chão está úmido, como se estivesse caindo uma leve chuva no momento da foto – impressão corroborada pela sombrinha.

⁵ Link com o áudio da entrevista disponível em: <<https://soundcloud.com/marcia-boroski/entrevista-com-daniel-castellano>>

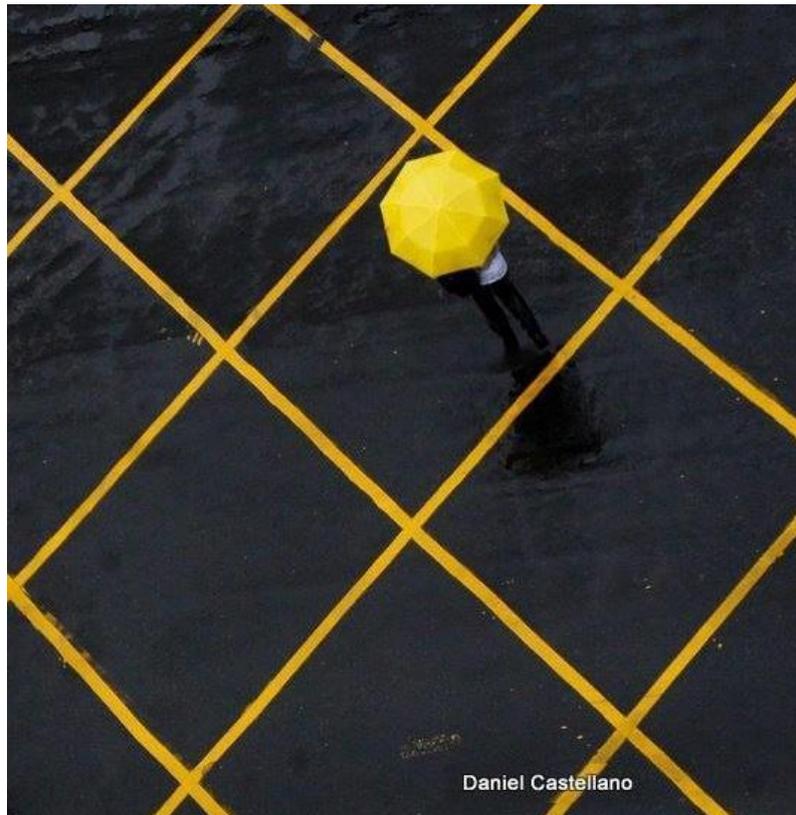


Figura 1 - Sombrinha Amarela, de Daniel Castellano⁶.

As formas geométricas e as cores saturadas da fotografia também são bastante evidentes; o piso quadriculado da caixa amarela em contraste com a forma levemente circular da sombrinha – ambos em contraposição com o chão escuro – captura imediatamente o olhar do espectador. Outro fator que se destaca nessa fotografia é a assimetria, que embora não seja um elemento típico da linguagem fotográfica, é algo muito explorado por fotógrafos, uma vez que a simetria ou assimetria pode ser utilizada como forma de expressão. Nessa fotografia, o elemento humano não está exatamente no centro do quadrado amarelo, o que gera a assimetria e causa certo desconforto no olhar. Por outro lado, essa mesma assimetria produz também efeito de sentido de realidade, no sentido de ser uma apreensão possível; uma cena levemente imperfeita, porém possível.

Acerca do instante decisivo como chave de leitura, percebemos que a captura do pedestre assimetricamente em relação ao quadrado do chão nos mostra que se o fotógrafo tivesse registrado o transeunte no centro de uns dos quadrados, ou até mesmo fora do piso quadriculado, este provavelmente não teria o destaque que tem. E, muito possivelmente,

⁶ Disponível em: <encurtador.com.br/aPS16>. Acesso em 06 de junho de 2019.

o contraste das formas geométricas teria se perdido, ou poderia passar despercebido. Além disso, o fato de a sombrinha ser amarela brilhante em contraste com o chão molhado, mas combinando com as faixas, acentua a leitura cromática. Há ainda que se destacar sobre as formas; as faixas, formam grades que enquadram o círculo da sombrinha, em um jogo de linhas e formas, e de chuva e sol - o pedestre parece carregar consigo seu próprio sol.

Quando questionado acerca da escolha por determinadas ruas da capital, Castellano (2019) respondeu que às vezes essa seleção era algo espontâneo, fruto de pura curiosidade, mas vezes algo no chão o instigou a procurar locais em que ele pudesse registrar do alto esse evento. No caso da fotografia Sombrinha Amarela, o fotógrafo explicou que já estava fotografando há um certo tempo o cruzamento, quando percebeu o pedestre com a sombrinha amarela entrando no seu campo de visão. Ele realizou algumas capturas em série, até conseguir a que queria. Dessa forma percebe-se a estratégia, ou seja, a construção (se é que podemos colocar nesses termos) do instante decisivo surgiu para o fotógrafo enquanto este estava buscando algo que se destaca-se na multidão. O que destaca os eventos banais parece ser a intenção e o olhar apurado.

A Tempestade de Raios (Figura 2) mostra o céu de Curitiba momentos antes de uma chuva torrencial atingir o local em que o fotógrafo estava. Nessa foto o movimento dos raios está congelado e, por causa da grande nitidez, percebemos ao fundo, o céu com diversos tons de roxo escuro e em contraste com os raios prateados vindos das nuvens “brancas”. Há também a presença de um tom mais amarelado em primeiro plano, causado pelas luzes da rua – possivelmente carros e postes – sendo refletida nos prédios, o contrapõe o céu escuro de chuva. Vale ressaltar também as texturas opostas presentes nessa fotografia, as nuvens disformes com o seu conhecido aspecto de algodão, mesmo carregadas de chuva em contraposição aos prédios lisos, retos e metálicos, sem grandes texturas. Apesar da evidente potência e também violência dos raios caindo nos prédios, a fotografia apresenta ao mesmo tempo uma calma, como se independentemente da força da natureza se apresentando, a vida na cidade grande continuasse normalmente no seu ritmo habitual.



Figura 2: Tempestade de Raios, de Daniel Castellano⁷.

Nessa foto, o instante decisivo se apresenta na captura dos raios, uma vez que esse fenômeno, apesar de frequente na atualidade, é uma cena que guarda certa raridade de se conseguir capturar fotograficamente. Ao ser questionado sobre se alguma fotografia levou tempo para ser feita, o fotógrafo apontou justamente a Tempestade de Raios, pois, de acordo com ele, foram quase 13 anos de tentativas (e vários erros nesse processo) até conseguir capturar esse momento. Além das condições meteorológicas, uma vez que não é sempre que uma tempestade é precedida destes raios, foi necessário que ele estivesse no local certo, com uma vista limpa para conseguir o registro que tanto almejava. Ainda de acordo com Castellano (2019), no momento dessa foto, ele estava trabalhando e ligou para um conhecido para que este liberasse o acesso do fotógrafo ao local onde ele poderia fazer a foto da forma que estava aguardando há tanto tempo.

Dessa forma, ficou evidente que nesta fotografia, o instante decisivo foi procurado pelo fotógrafo. Aqui ele sabia o resultado que queria obter e procurou pelo instante. Vale ressaltar ainda que, embora a fotografia não possua um elemento humano, apenas prédios, raios e céu, o fator de noticiabilidade é importante e captura o olhar do espectador. Pois se trata de um evento meteorológico apreciado por alguns e temido por várias pessoas.

⁷ Disponível em: <encurtador.com.br/guAD6>. Acesso em 06 de junho de 2019.



Figura 3: O Circo e a Praça, de Daniel Castellano⁸.

A Figura 3, intitulada O Circo e a Praça, traz um pedaço da escadaria do Prédio Histórico da Universidade Federal do Paraná, localizada na praça Santos Andrade no canto superior e um pedaço de lona de circo no canto inferior. Nesta fotografia não há captura de movimento borrado ou congelado, uma vez que maior parte dos objetos fotográficos não são humanos e, portanto, não se movem. E mesmo a pessoa sentada num dos degraus da escadaria está parada. Há forte contraste entre as cores, já que a escadaria possui tons de cinza em contraponto com a lona do circo (azul e laranja), de grande saturação. O que chama muita atenção, entretanto, são as formas geométricas. É possível perceber também que as formas dos objetos fotográficos são opostas, e disputam sentidos; há degraus angulosos e marcados um lado pela claridade do sol da manhã, enquanto a outra porção da escada tem uma parte encoberta pela sombra do prédio da universidade,

⁸ Disponível em: <encurtador.com.br/bcfT7>. Acesso em 06 de junho de 2019.

e a que está sob o sol é marcada pela sombra dos próprios degraus, o que, juntamente com as linhas da escadaria, dá profundidade a foto. As sombras são fundamentais para o efeito de volume. Em oposição está o semicírculo formado pelo lona do circo, que com seus linhas e faixas coloridas atraem o olhar do espectador.

Na tentativa de empregar a teoria de Cartier-Bresson como chave de leitura, podemos perceber que a presença de um único elemento humano no canto superior direito, que com sua blusa vermelha, além de acrescentar um ponto de cor às escadarias cinzas, causa a sensação de isolamento e solidão, como se ela estivesse esperando por algo ou alguém; ademais, esta localizado na porção menos colorida da foto. Ainda que seja possível visualizar a sombra de outra pessoa na parte que possui sombra nas escadas, ela não interfere substancialmente na cena registrada pelo fotógrafo.

Esse registro fotográfico, de acordo com Castellano (2019), foi algo com que ele se deparou no solo e se questionou como seria ver o circo do alto de um prédio. Ou seja, o instante decisivo nessa fotografia foi fruto da curiosidade do fotógrafo, pois ele pretendia registrar apenas o contraste entre a escadaria e o circo, a acabou eternizando uma cena nova, que existiu somente naqueles poucos instantes de tempo.

CONSIDERAÇÕES

Esse artigo teve objetivo de analisar fotografias que possuem como categoria fundamental de análise o instante decisivo, buscando por possibilidades de leitura e também nos modos de produção. O corpus foi selecionado a partir da série “Periscópio Urbano”, feita pelo fotógrafo Daniel Castellano, e que retrata cenas urbanas da cidade de Curitiba (PR).

Foi possível perceber que a noção de instante decisivo, proposta por Henri Cartier-Bresson em 1952 é uma chave de leitura pertinente para a análise fotográfica, além de ser eficaz também como metodologia de produção de registros fotográficos.

Percebemos ainda que o instante decisivo tem um caráter de produção, no sentido de carecer de espera, de um tipo de estratégia, de alguma proposta de sentido ou de cena, e que, ainda assim, está totalmente sujeito ao mundo, às pessoas e às coisas. Essa noção é também implicada na obra de Cartier-Bresson, entretanto, percebe-se uma atualização. Se, por um lado, a espera era o processo pelo qual alcançava-se a fotografia única (remetendo sobretudo à prática fotográfica analógica, mas não apenas), por outro, Castellano, em sua espera, faz uma série de fotos, em busca daquela que faça sentido.

Verificamos tal atualização, seja por condições técnicas, seja por modos de produção ou, ainda, intencionalidades dos fotógrafos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANG, Tom. Fotografia. **O guia visual definitivo do século XIX à era digital**, São Paulo: Publifolha, 2015.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 91-107. (Obras Escolhidas, v.1).

BIONDI, Angie. **Fotojornalismo: um campo, uma atividade ou um objeto?** In: LEAL, Bruno Souza; ANTUNES, Elton; VAZ, Paulo Bernardo. Para entender o jornalismo. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2014.

CARTIER-BRESSON, Henri. **The Decisive Moment**. Tradução livre e informal de MELLO, Paulo Thiago. New York, 1952. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downs-uteis-o-instante-decisivo.pdf>>. Acesso em : 10 de agosto de 2019.

CASTELLANO, Daniel. Biografia/Contato. **Daniel Castellano Photography**, 2013. Disponível em: <<https://dcastellan7.wixsite.com/daniel-castellano/contato>> Acesso em: 15 de agosto de 2019.

CASTELLANO, Daniel. Entrevista com Daniel Castellano, [Entrevista concedida a] Monize de Oliveira Ramos. 2019.

FEIJÓ, Cláudio. Linguagem Fotográfica. 2009. Disponível em: <<http://www.uel.br/pos/fotografia/wp-content/uploads/downs-uteis-linguagem-fotografica.pdf>>. Acesso em 10 de agosto de 2019.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p.7-32,1999.

OLIVEIRA, Pedro Revillion de. **A fotografia esportiva e o momento decisivo**. PUCRS. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Fortaleza, CE – 3 a 7/9/2012.

SCOVILLE, André Lopez.; ALVES, Bruno Oliveira. **Laboratório de artes visuais: fotografia digital e quadrinhos**. Editora Intersaberes. 1ª edição, 2018.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Santa Catarina: Grifos, 2000.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia, Florianópolis, v.2, n.1, p.95-107, jan./jun. 2005.

SMITH, Ian Haydn. **Breve história da Fotografia: um guia de bolso dos principais gêneros e técnicas**. São Paulo, Gustavo Gili, 2018.

ZANON, Welington Rodrigo.; SABBAG, Deise Maria Antônio. **O instante decisivo de Henri Cartier-Bresson e a indexação: um estudo exploratório de métodos de indexação de fotografias.** Universidade de São Paulo. RDBCI: Revista Digital Biblioteconomia e Ciência da Informação. Campinas, São Paulo. v.15 n.3 p.693-714 set./dez. 2017.